

Engenheiro Francisco de Sousa Lobo

Património e Associativismo Os 25 anos dos Amigos dos Castelos

Em 2008 a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos completa 25 anos, e é actualmente uma das maiores associações ligadas ao património cultural em Portugal. No seio das diversas áreas em que actua destaca-se o objectivo de aliar a valorização do património a projectos de índole educativa, visando chegar a um público alargado que contempla dos mais novos aos mais velhos. A fim de melhor conhecer a história, as actividades e objectivos desta associação, a *Pedra & Cal* teve uma conversa com o engenheiro Francisco de Sousa Lobo, actual presidente da direcção.

No ano de 2008 a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos completa 25 anos. Ao longo de todo este tempo qual é o retorno que sente por parte da sociedade?

A resposta da sociedade é diversa. Se olharmos para a matriz cultural portuguesa notaremos que as pessoas não interiorizam a necessidade de se associar. Há um individualismo.



Apesar disto, nós somos bastante conhecidos num certo mundo cultural. A associação tem um sistema operacional que não é elitista, está aberta a opiniões, e tenta captar um amplo universo de pessoas. Neste sentido, atingimos diferentes faixas etárias, o que faz com que a nossa massa associativa seja diversa. Actualmente temos 2.500 associados activos e assim somos, de longe, a maior associação de defesa do património de Portugal. Além disto, somos a única associação de defesa do património de âmbito nacional, de acordo com o registo das associações no Ministério do Ambiente. Para Portugal este

número de associados é muito elevado. Mas, estamos insatisfeitos. Em países da Europa mais ao norte, nomeadamente os anglo-saxónicos, acredita-se mais nas associações, e isso é estruturante nas sociedades. Entretanto, estou optimista, porque está a verificar-se que em Portugal as pessoas estão a aprender a associar-se, e a perder os medos.

Acha que as políticas públicas e privadas de defesa do património têm sofrido alguma mudança nos últimos tempos?

Acho que há um défice de discussão pública, o que se deve ao facto de

Portugal não ser um país atempado e estável, não temos estruturas para isso. O comportamento dos ministérios, das autarquias, dos departamentos de gestão e das próprias empresas privadas mostra isso. Há um imediatismo, que se coloca também no âmbito do património. Não há soluções fáceis. Culpamos o governo ou os governos, é uma ilusão enorme. Trata-se de um problema cultural profundo, além de ser uma questão de falta de regulação dos interesses em presença. Na Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos trabalhamos com toda a gente, todas as autarquias, todos os governos, tentamos ter uma visão

A ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS AMIGOS DOS CASTELOS

A história da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos começa em 1983 no II Congresso de Monumentos Militares Portugueses, quando um grupo constituído por algumas dezenas de pessoas tomou a iniciativa da sua fundação. No entanto, mesmo antes do 25 de Abril já havia a ideia da criação de uma associação que agisse neste âmbito, aos moldes de outras associações já existentes em países europeus como Inglaterra, Espanha, Holanda e França. Ao grupo inicial foram-se juntando mais pessoas, chegou-se a centenas de associados, e hoje os Amigos dos Castelos contam com mais de 2.600 associados, distribuídos por todo o país. Diversas são as actividades desenvolvidas, destacando-se sempre o compromisso com a salvaguarda e divulgação do património fortificado português. Actualmente, os Amigos dos Castelos contam 8 trabalhadores e mais 8 voluntários, para além de uma vasta equipa que realiza actividades junto ao público. Para mais informações visite o sítio de internet dos Amigos dos Castelos: <http://www.amigosdoscastelos.org.pt>.

cultural. Nós vivemos da nossa actividade, em princípio não temos patrocínios. Estes devem ser empregues em actividades que tenham começo, meio e fim, e não na vida diária da associação. É um esforço gigantesco e silencioso. Vivemos e sobrevivemos, portanto, das quotas pagas pelos associados e fundamentalmente das actividades que desenvolvemos.

E quais são as áreas de actividade da associação?

Temos três áreas de actividade, a área do património, a área da divulgação e a área educativa. Nós tentamos que a associação seja um movimento cultural. Pensamos que o trabalhar em silêncio é produtivo, apesar da sociedade ruidosa em que vivemos. A área do património controla o sítio de internet, promove as palestras, promove os seminários e os congressos. Estamos, inclusive, a organizar em conjunto com a Universidade do Algarve, o "VIII Congresso dos Monumentos Militares". Tem tido uma enorme adesão, já que mesmo depois do término do prazo, continuamos a receber inscrições de todo o mundo. Apesar disso, tivemos dificuldades em angariar apoio das entidades ligadas ao património em Portugal. Contamos com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto do Turismo, da Direcção Regional de Turismo do Algarve e da TAP. Outra área de actividade é a área educativa, que conta com um grupo de 15 animadores culturais formados em História. Neste âmbito organizamos festas de aniversário temáticas para crianças, e temos dois projectos educativos, um a funcionar no forte de Caxias, e outro em Lisboa sobre a cidade medieval, nos quais já passaram mais de 25.000 crianças. Estas actividades consistem em sessões de história ao vivo e visitas de estudo.

Quais são as estratégias para uma maior mobilização de pessoas em torno da associação?

As vantagens são factores de mobilização. Uma das vantagens em



"Estou optimista, porque está a verificar-se que em Portugal as pessoas estão a aprender a associar-se"

ser sócio dos Amigos dos Castelos é poder entrar gratuitamente nos monumentos nacionais sob a tutela do IGESPAR. Também é possível o mesmo no Castelo de São Jorge. Essas vantagens são possíveis através de protocolos. Além disto, na questão da divulgação é necessário contar com intermediários, contactar com entidades e pessoas da área do património ou entusiastas, de maneira a fazer uma reacção em cadeia. Isto já foi possível algumas vezes com muito sucesso. Outro veículo para o acréscimo de associados é o sítio de internet.

Quais são as barreiras existentes ao desenvolvimento da associação?

Antes de identificar as barreiras, devo frisar a minha convicção de que o século XXI é o século do associativismo ligado ao património, tanto o cultural como o ambiental. No século XIX estivemos perante um associativismo que desenvolveu as artes, exemplo disto é o surgimento de inúmeras filarmónicas, que remetem a sua criação para este período. Já no século XX, houve o desenvolvimento de um



“Não queremos acreditar que em Portugal só haja 2.500 pessoas entusiasmadas com o património e que tenham a consciência de que vale a pena estar associado”

movimento que priorizou o desporto, assim surgiram associações desportivas e os próprios clubes de futebol, fundados nos inícios do século XX. Portanto, o défice que temos é de associações que tenham um certo grau de abstracção, esta orientação que não beneficia as associações culturais é uma barreira que devemos ultrapassar. Uma outra barreira é constituída pelo materialismo e pelo imediatismo que se apresentam na sociedade de hoje, não se encara o associativismo como um direito de intervir na sociedade, pelo contrário o interesse está nas vantagens que a associação trará. Também acrescento o receio que há entre os associados em pagar por débito directo, o que dificulta a vida da associação.

Qual é o relacionamento entre a associação e a actual equipa do Ministério da Cultura?

Até agora os nossos contactos têm sido com a direcção do IGESPAR,

além disso relacionamo-nos muito bem com a Direcção Regional de Cultura do Algarve. Portanto, estamos a tentar estreitar relações com as entidades oficiais do Estado. Encaramos essas relações como parcerias a fim de resolver determinadas questões e evitarmos conflitos.

E em relação ao futuro da associação, quais são as linhas a seguir?

Aumentar o número de associados, porque não queremos acreditar que em Portugal só haja 2.500 pessoas entusiasmadas com o património e que tenham a consciência de que vale a pena estar associado. Por outro lado, tentar intervir mais, nós tentamos intervir junto às entidades sempre com enorme diplomacia, porque na área do património não pode haver conflitos, já que se trata de um assunto demasiado sério, não podemos ser fundamentalistas, devemos procurar ser equilibrados. Além disso, queremos desenvolver mais a área do património, devemos intervir mais, assim queremos desenvolver cursos

livres, fazer mais parcerias com as universidades, conseguir inclusive que mais professores universitários se tornem nossos associados. Por fim, manter a vertente das visitas de estudos que fazemos, já que realizamos viagens à Índia, Irão, Brasil, Etiópia e todo o Mediterrâneo.

Qual é a mensagem que a associação deixa para os mais novos no que concerne ao património?

Esta mensagem aos mais novos passa pelos pais e pelos professores deles, porque os mais novos só têm a capacidade de se aproximar do mundo que os rodeia através do estímulo dado por pais e professores. Portanto a mensagem vai antes aos pais e professores, para que se apercebam que a associação existe, que façam dos filhos associados.

Entrevista de
VÍTOR CÕIAS e JOANA GIL MORÃO
Textos de
REGIS DE SOUZA BARBOSA

VIII CONGRESSO DOS MONUMENTO MILITARES

No ano em que a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos completa 25 anos, realiza-se o VIII Congresso dos Monumentos Militares. Organizado em parceria com a Universidade do Algarve, o congresso apresenta como temática “A fortificação costeira: dos primórdios à modernidade”, sendo realizado no Campus Gambelas da Universidade do Algarve, em Faro, entre os dias 27 e 29 de Novembro. O evento, que conta com o alto patrocínio do Presidente da República, terá como oradores especialistas de diversos países, agrupados em 4 sessões distintas que versam sobre assuntos como Historiografia, Elementos estruturais e construção, Restauro, e Intervenção Cultural. Para mais informações consulte o sítio de internet: <http://congresso.amigosdoscastelos.org.pt>.

FRANCISCO DE SOUSA LOBO

Francisco de Sousa Lobo é engenheiro militar. Envolvido nos últimos 25 anos no estudo da fortificação, foi professor de arquitectura militar na Academia Militar de 1981 a 87. Descobriu nesse cargo uma área técnica e científica que se tornou mais do que uma paixão. Tem dedicado a maior parte do seu tempo a investigar, estudar, fotografar, escrever e comunicar em diversos fóruns sobre castelos e fortalezas. Presidente dos Amigos dos Castelos desde 1987, já publicou mais de 100 artigos e comunicações sobre fortificação e arquitectura militar. Tem trabalhado para a UNESCO como consultor, é membro do ICOMOS e co-autor de vários livros relacionados com a arte de fortificar. Tem um enorme prazer quando “conquista as pessoas para associadas dos Amigos dos Castelos” que considera uma causa de cidadania.